

A presença de Schopenhauer na obra de Kierkegaard¹

La presenza di Schopenhauer nell'opera di Kierkegaard

Diego Giordano²
digiordano@gmail.com

Resumo

Como se articulou a recepção de Schopenhauer por Kierkegaard? Quais as correspondências entre os dois filósofos? Quando e como Kierkegaard leu Schopenhauer, um autor com quem, mais do que compartilhar posições de pensamento, compartilhou "idealmente" algumas posições de vida? No presente ensaio se busca reconstruir detalhadamente (e filologicamente) todos os "lugares" em que, na sua vasta obra, Kierkegaard faz referência ao filósofo alemão colocando-se ao seu lado como aliado e reconhecendo-o, pelo menos em parte, como o modelo de uma crítica a partir da qual tomar inspiração para moldar de forma mais direta e descompromissada a própria atitude crítica e de denúncia das instituições.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard; Arthur Schopenhauer; Jacob Peter Mynster; Igreja da Dinamarca; recepção; crítica; comparatística;

Riassunto

Come si articolò la ricezione di Schopenhauer da parte di Kierkegaard? Quali le corrispondenze tra i due filosofi? Quando e come Kierkegaard lesse Schopenhauer, un autore con il quale, più che condividere posizioni di pensiero, condivise "idealmente" alcune posizioni di vita? Nel presente saggio si cerca di ricostruire dettagliatamente (e filologicamente) tutti i "luoghi" in cui, nella sua vasta opera, Kierkegaard fa riferimento al filosofo tedesco ponendosi al suo fianco come alleato e riconoscendolo, almeno in parte, come il modello di una critica da cui prendere ispirazione per plasmare in maniera più diretta e priva di compromessi il proprio atteggiamento critico e di denuncia delle istituzioni.

Parole chiave: Søren Kierkegaard; Arthur Schopenhauer; Jacob Peter Mynster; Chiesa di Danimarca; ricezione; critica; comparatistica;

¹ Publicado originalmente em língua italiana em GIORDANO, Diego. La presenza di Schopenhauer nell'opera di Kierkegaard, in *Tebe dalle cento porte. Saggi su Arthur Schopenhauer*, Aracne, Roma, 2010, ISBN: 978-88-548-3493-4. A presente tradução para o português é de Humberto Araújo Quaglio de Souza.

² Diego Giordano estudou filosofia junto a Universidades de Salerno, de Roma, e de Modena. De 2009 a 2011 foi pesquisador junto ao *Søren Kierkegaard Forskningscenter* de Copenhague. Os seus trabalhos são dedicados principalmente ao pensamento filosófico e religioso entre o séc. XVIII e a primeira metade do séc. XIX, com uma particular predileção por J.-J. Rousseau, G.E. Lessing, G.W.F. Hegel e S. Kierkegaard. Atualmente está desenvolvendo uma pesquisa sobre a elaboração das concepções de filosofia da história em chave escatológica no pensamento ocidental junto à *École Pratique des Hautes Études* de Paris e à *Università degli Studi di Salerno*. Entre suas recentes obras sobre Kierkegaard estão a monografia *Verità e paradosso in Søren Kierkegaard. Una lettura analitica* (Napoli 2011) e a organização de *Kierkegaard y la Comunicación*, (con José Garcia Martín, Napoli 2011) e *Il discepolo di seconda mano. Saggi su Søren Kierkegaard* (con Roberto Garaventa, Napoli 2011).

Aquilo que foi não é mais; e não é da mesma maneira do que aquilo que nunca foi. Mas tudo aquilo que é, no momento sucessivo já foi. Por isto o presente mais insignificante tem, em relação ao passado mais significativo, a vantagem da realidade; de modo que o presente está para o passado assim como alguma coisa está para o nada.
(PP II, cap. XI, § 143)

1. Schopenhauer aliado de Kierkegaard?

Nas obras que Kierkegaard publicou não existe uma referência sequer a Schopenhauer. As poucas alusões que temos se encontram todas nas *Cartas*. Consultando o *Index* temático preparado por Niels-Jørgen Cappelørn como complemento da segunda edição dos *Søren Kierkegaards Papirer*³, notamos que o nome ou a referência a Arthur Schopenhauer aparece em vinte e quatro ocasiões⁴. Destas, a maior parte são observações indiretas, breves alusões ou notas em passagens com referência à obra do filósofo alemão.

Em sua própria biblioteca, Kierkegaard possuía *Os dois problemas fundamentais da ética* (1841), *O mundo como vontade e representação* (a edição de 1844 com os

³ *Søren Kierkegaards Papirer* (=Pap), vol. I – XVI, em 25 tomos, segunda edição, sob a supervisão de N. Thulstrup, København 1968-78.

Os primeiros 11 volumes, em 20 tomos, reproduzem a primeira edição sob a supervisão de P. A. Heiberg, V. Kuhr, E. Torsting, København 1909-48. Os volumes XII – XIII representam uma integração das *Cartas* dos anos 1831-39. Os volumes XIV-XVI, supervisionados por N.-J. Cappelørn, constituem o *Index*, København 1975 (vol. XIV, A-F), 1976 (vol. XV, G-Q), 1978 (vol. XVI, R-Ø). Considerando que o *Index* é de um tipo temático, isto é, construído sobre palavras-chave, o levantamento das referências é feito eliminando-se as redundâncias e conservando registro daquelas passagens nas quais o nome de Schopenhauer aparece pelo menos uma vez, seja no texto ou acrescido à margem, com exceção de NB30:4 e NB35:16, nas quais Schopenhauer é citado sem contudo ser nomeado (é subentendido).

⁴ Uma tábua de referências (Apêndice I) está presente ao fim do artigo. Nela se expõe também a tabela onde estão cotejadas quatro edições diversas das *Cartas* de Kierkegaard: as duas dinamarquesas, ou seja, 1) a citada *Pap* e 2) a nova edição dos *Kierkegaard Skrifter* (=SKS), N. J. Cappelørn et. al. (udg.), København 1997, com os respectivos *Kommerntarer* (=K); 3) a edição inglesa em 7 volumes baseada nos *Pap* (1909-1948), particularmente válida pelo cuidado com que foi organizada e traduzida, *Søren Kierkegaard's Journals and Papers* (=JP), H. V. Hong, E. H. Hong (eds.), *Index* by N. J. Hong and C. M. Barker, Bloomington & London 1967-1978 [Além disso, nestes anos foi preparada uma nova edição em inglês, aos cuidados do *Søren Kierkegaard Forskningscenteret* de Copenhague e da *Kierkegaard Library* do St. Olaf College, baseada no SKS: *Kierkegaard's Journals and Notebooks* (=KJN), B. H. Kirmmse et. al. (eds.), Princeton & Oxford 2007] 4) a edição em italiano (a terceira) aos cuidados de Cornelio Fabro, já datada em comparação com as novas edições supracitadas, mas ainda válida: *Diario* (=D), a cura di Cornelio Fabro, Brescia 1980-1983. No texto e nas notas se fará sempre referência à edição dinamarquesa SKS e, onde não for possível, a *Pap*. [Nota do tradutor: Considerando a ausência de traduções mais extensas em língua portuguesa dos Diários de Kierkegaard, e considerando o fato de que a edição em língua inglesa acima mencionada (JP) é mais conhecida e utilizada por estudiosos no Brasil do que a edição de Cornelio Fabro em língua italiana, a presente tradução deste artigo, com a devida permissão do autor, traz ao final, no lugar dos dois apêndices do texto original, apenas uma tabela com as referências a Pap/SKS, e as passagens equivalentes em JP].

Suplementos), os *Parerga e paralipomena* (1851) e *Sobre a vontade da natureza* (1836), todos os volumes em primeira edição⁵. Isto não deve surpreender, já que Kierkegaard amava manter-se atualizado sobre novidades editoriais e sobre os desenvolvimentos do pensamento filosófico de seu próprio tempo, ainda que, de fato, ele habitualmente não fosse além de uma leitura superficial ou tardia dos volumes que adquiria. Tais considerações biográficas nos podem ajudar a compreender porque não há referências a Schopenhauer datáveis de antes de 1854.

Com toda probabilidade, a primeira vez que Kierkegaard teve a oportunidade de se deparar com o nome de Schopenhauer foi em 1837, lendo o tratado *Tanker over Muligheden af Beviser for Menneskets Udødelighed* (Pensamentos sobre possíveis demonstrações da imortalidade do homem) de seu professor e amigo Poul Martin Møller⁶, onde Schopenhauer é mencionado como o filósofo que, entre todos, percebeu mais claramente as implicações niilistas do panteísmo moderno⁷. Contudo, lendo e enquadrando historicamente as passagens mais extensas dedicadas a Schopenhauer – assinaladas por cabeçalhos nos quais aparece o nome do filósofo, como, por exemplo, *Sobre Arthur Schopenhauer* [NB29:95], *Schopenhauer e o Cristianismo* [NB30:12], *Arthur Schopenhauer* [NB32:35] – é possível deduzir algumas indicações úteis que explicariam uma referência tão tardia. A partir delas se demonstra o fato de que Kierkegaard encontrou em Schopenhauer um tipo de aliado ideal na polêmica que, logo após a morte do bispo Mynster, ele dirigiu contra a o cristianismo estéril e comprometido, representado pela Igreja Protestante da Dinamarca. Reconstruamos brevemente, porém, o contexto histórico.

Até 1854, Jacob Peter Mynster (1775-1854) foi o bispo de Copenhague e primaz da Igreja Dinamarquesa. Posicionado contra as tendências idealistas e contra o reformismo sócio-religioso, ele representava a ala conservadora da Igreja, vista como ponto de referência pela sociedade. Kierkegaard, que tinha por Mynster um respeito

⁵ Cf. *Auktionsprotokol over Søren Kierkegaards Bogsamling (=ASKB)*, H. P. Rohde (udg.) København 1967, ou seja, o registro do leilão da biblioteca de Kierkegaard, ocorrida entre 1º e 8 de abril de 1856. As obras de Schopenhauer estão numeradas nos catálogos como ASKB 772: *Die beiden Grundprobleme der Ethik*, Frankfurt am Main 1841; ASKB 773-73a: *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 2 Bände, Leipzig 1844; ASKB 774-75: *Parerga und Paralipomena, kleine philosophische Schriften*, 2 Bände, Berlin 1851; ASKB 994: *Über den Willen in der Natur*, Frankfurt am Main 1836.

⁶ P. M. Møller, *Tanker over Muligheden af Beviser for Menneskets Udødelighed*, in *Efterladte Skrifter af Paul M. Møller*, voll. 1-3. C. Winther, F. C. Olsen, C. Thaarup (udg.), København 1839-1843, vol. 2, p. 158-272; ASKB 1574-76.

⁷ Ivi, p. 226-227; cf. também *JP*, Vol. 4 (*Notes and Commentary*), p. 631-633.

filial⁸, reconhecia no bispo um influente expoente da ortodoxia cristã, e as relações entre os dois eram sempre mantidas em um nível de apreço recíproco e cordialidade. Em 1850, Kierkegaard havia publicado *Prática no Cristianismo*, obra que lhe valeu uma nota de desaprovação por parte do bispo, que nela via um jogo literário pouco respeitoso pelas coisas sacras. Por causa deste precedente negativo, Kierkegaard esperava receber de Mynster nada menos que uma advertência em algum sermão. Mas em 1851 ocorreu algo que assinalou a definitiva ruptura de suas relações. Em março daquele ano, Mynster havia publicado um opúsculo de cerca de cinquenta páginas intitulado *Ulterior contribuição às discussões sobre a condição da Igreja na Dinamarca*. Nele, o bispo, além de entrar no debate então atual com relação ao matrimônio civil, tecia elogios a Meir Aron Goldschmidt (1819-1897), redator-chefe do periódico humorístico independente *Corsaren* (O Corsário), o qual era apresentado como “escritor de grande talento”. Na verdade, o nome do jornalista não era diretamente mencionado, e assim, depois de ter lido o opúsculo que lhe foi enviado por Mynster, Kierkegaard havia pensado, com certa dose de satisfação, que era ele o “homem de talento” a quem o texto fazia alusão. Contudo, logo após uma leitura mais atenta, ele percebeu alguma coisa estranha, ou seja, que no artigo era utilizada a palavra *Fremtoning* (fenômeno, manifestação), um neologismo na língua dinamarquesa daquela época, introduzido justamente por Goldschmidt⁹. A esta altura, feita a associação, não foi preciso muita coisa para Kierkegaard, que havia sempre demonstrado sua dedicação às questões religiosas, compreender que seu estimado bispo preferia o hebreu Goldschmidt, ou seja, o mesmo redator daquele frívolo jornal no qual, por quase seis anos (de 1840 a 1846), ele foi objeto de uma irritante sátira caricatural (acompanhada também de desenhos, vinhetas, silhuetas), que se concentrava principalmente em ridicularizar seus defeitos físicos. Mynster havia utilizado um sutil estratagema para liquidar Kierkegaard, e estes obviamente foram percebidos¹⁰.

Deste momento em diante, Kierkegaard começa a ser sempre mais crítico em relação a Mynster e àqueles movimentos da rígida ortodoxia responsáveis por haver

⁸ Mynster foi pastor da família e guia espiritual de Michael, pai de Kierkegaard.

⁹ O neologismo aparece em *Nord og Syd* (Norte e Sul), revista política fundada por Goldschmidt entre 1847 e 1859: V, 1849, p. 143-144. Goldschmidt cunhou a palavra *Fremtoning* como equivalente daquela palavra alemã *Erscheinung*, comumente traduzida em dinamarquês como *Phænomenon*.

¹⁰ Cf. *Pap X*, 6 B 171 (1851) e *JP* 6748; cf. também o cap. 1851, em J. Garff, *SAK. Søren Aabye Kierkegaard, Em biografî*, København 2000. Os desdobramentos da polêmica podem ser acompanhados lendo-se os *Pap* 1851-1853 (*Polemik: Biskop Mynster og det Bestående*), *Pap X*, 6 B 171-236.

empobrecido a liturgia em favor da burocracia, por haver transformado os prelados em funcionários estatais, e por haver reduzido o cristianismo a uma prática de massa. As críticas diretas a Mynster se estendem à Igreja Oficial de Estado (*Statskirke*)¹¹, na qual Kierkegaard reconhece nada mais e nada menos que uma organização do tipo político ou, como ele a definiu, uma “ordem estabelecida” (*det Bestående*)¹² por fins econômicos¹³. A polêmica eclode oficialmente em 1855. Mynster (morto em 30 de janeiro de 1854) é sucedido por Hans Lassen Martensen (1808-1884), o qual, fazendo o elogio fúnebre de Mynster, atribui ao bispo a qualificação de verdadeira “testemunha da verdade” (*Sandhedsvidner*). No *Fædrelandet* (A Pátria)¹⁴, em um artigo intitulado *Era o Bispo Mynster uma testemunha da verdade?* (publicado, porém, somente em dezembro de 1854), Kierkegaard afirma, contestando aquela qualificação, que não pode ser testemunha da verdade quem buscou o poder e os compromissos, esquecendo os preceitos da mortificação, da renúncia e do sofrimento. Ao cristianismo sem identidade das práticas religiosas passivamente adquiridas e reproduzidas, ele opõe o cristianismo originário, não mediado por instituições humanas, mas dom gratuito de Deus que se recebe, se conserva, e se anuncia sofrendo. Para ele, “tornar-se cristão” [*at blive Christen*] quer dizer retornar ao cristianismo das origens, não veiculado por nenhuma autoridade interpretante, ao passo que Mynster, que por sua vez

[...] tinha em seus poderes o de explicar com uma palavra o sentido daquele Cristianismo que ele pregava, diante do Cristianismo do Novo Testamento que ensina a ascese e a renúncia voluntária, que exige a heterogeneidade

¹¹ Notamos que na língua dinamarquesa o termo *Statskirke* se compõe das palavras “-kirke”, igreja, e “stat(s)-” que quer dizer tanto (de) *Estado, nacional*, quanto *oficial* (em inglês: *established*). Kierkegaard brincou com esta sinonímia para reforçar a sua crítica à Igreja de Estado vista como um *Establishment* formado por uma classe dirigente firmemente ancorada no *status quo*.

¹² Em outra passagem também se menciona *bestående Christenhed* (cristandade estabelecida); é para Kierkegaard o “cristianismo oficial” como complexo de estruturas exteriores que são afirmadas historicamente e que são impostas sobre a civilização moderna.

¹³ Cf. *D*, 3851 – *A Igreja de Estado* (1854): “Aqui está todo o *busillis!* Deve ter existido alguma vez um bando de ladrões os quais, como diz Holberg, deram a entender ao Estado que a Paixão e a Morte de Cristo e a salvação eterna eram um excelente meio para fazer dinheiro. Magnífico! Assim o Estado assume o encargo (cristamente) de arranjar tudo com o cristianismo. Na Dinamarca, por exemplo, vivem um milhão e meio de homens que desembolsam cerca de 600 a 700 táleres por ano, para pagar os pastores [...]”.

¹⁴ *Fædrelandet*, semanário liberal fundado em 1834 por Johannes Hage (que se suicidou em 1837 após uma condenação à censura perpétua). Transformado em periódico diário, torna-se em poucos anos o jornal mais prestigioso da época. É neste jornal que Kierkegaard começa a publicar os seus artigos de crítica à Igreja dinamarquesa.

mais absoluta em relação a este mundo, que detesta todo recurso aos poderes desta terra..., não o fez¹⁵.

A partir de 24 de maio de 1855, e até poucos dias antes de morrer (11 de novembro de 1855), Kierkegaard desferiu o ataque final à Igreja Dinamarquesa, publicando sucessivamente uma série de fascículos chamados *Øjeblikket* (“O Instante” – foram redigidos dez; nove publicados em vida, o décimo póstumo), nos quais é denunciado o processo de degradação espiritual do cristianismo moderno.

É, conseqüentemente, no período entre a ruptura com Mynster, percebida como exclusão definitiva de seu comprometimento ativo na comunidade religiosa de Copenhague¹⁶, e a polêmica declarada nos confrontos com a Igreja e com a hierarquia eclesiástica¹⁷, que Kierkegaard se aproxima de Schopenhauer. Tal aproximação é, além disso, devida ao fato de que alguns dos temas centrais na obra de Schopenhauer, tais como o sofrimento, a ascese, a mortificação, são também aprofundados por Kierkegaard nesta fase.

Que a influência seja direta é muito improvável. Contudo, se pode constatar que no *Diário* deste período (sobretudo aquele de março a outubro de 1854) os pensamentos de Kierkegaard sobre a “depravação do nosso tempo”, sobre o “cristianismo da maioria”, sobre Mynster e a Igreja de Estado, estão significativamente entrelaçados àqueles dedicados a Schopenhauer.

Na primeira vez que Kierkegaard cita Schopenhauer, ele o faz de maneira indireta em uma passagem [NB29:26] que não foi traduzida para o italiano [Nota do

¹⁵ D, 4409 – *Sobre a tumba do Bispo Mynster* (janeiro de 1855).

¹⁶ Cf. G. Malantschuk, *Kierkegaard's Way to the Truth. An Introduction to the Authorship of Søren Kierkegaard* (orig. *Indførelse i Søren Kierkegaards forfatterskab*), tr. from the Danish by Michelsen, Montreal 1987: “Ele esperava agora uma espécie de admissão por parte da igreja oficial, e sobretudo pelo bispo Mynster. Sem dúvida, se fosse obtida, a sua atividade como escritor haveria tido um final menos trágico. Mas ninguém o levou a sério, pelo contrário, ele, no máximo, foi considerado um desagradável perturbador da paz pública. Kierkegaard estava preparado para a possibilidade de ter que dar uma resoluta conclusão à sua inteira atividade de escritor, se a admissão não fosse obtida. Pelo seu *Diário* é evidente que ele devia levar em consideração muitas possibilidades e ter tudo pronto na eventualidade de ter que lançar um ataque contra a igreja” (p. 77).

¹⁷ Até mesmo a eleição de Martensen em 1854 a bispo de Sjælland e primaz da Igreja dinamarquesa contribuiu para irritar Kierkegaard, o qual já olhava anteriormente com inveja os reconhecimentos e o sucesso que Martensen, seu preceptor privado em 1834 e depois *Lektor* na Universidade nos anos de 1837-1838, estava fazendo em Copenhague. Martensen havia ocupado, em poucos anos, posições de prestígio: em 1841 foi eleito membro da *Kgl. Danske Videnskab Selskab*, e no mesmo ano recebeu o encargo de *professor extraordinarius*, e em 1850 se torna *ordinarius*. Cf. J. Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, New York and Cambridge 2003, p. 456; S. Arildsen, “Universitetsansættelse og Avancement” in *Biskop Hans Lassen Martensen. Hans Liv, Udvikling og Arbejde*, København 1932, p. 154-155.

tradutor: estas passagens também não foram traduzidas para o português]. Neste breve pensamento, Kierkegaard se refere a alguns versos presentes no quinto ato do *Torquato Tasso* de Goethe, que ele viu citado também em *O mundo como vontade e representação* (Vol. II, cap. 44). Comentando a frase¹⁸, Kierkegaard afirma que é tarefa do humano exprimir o próprio sofrimento, enquanto o divino permanece em silêncio. A atração pelo tema do sofrimento, dominante em Schopenhauer, é interpretado por Kierkegaard nos termos da *sucessão* imediata de Cristo na realidade da vida, para além de todas as formulações doutrinárias e eclesiais. O sofrimento do qual Kierkegaard fala não é, como em Schopenhauer, derivado de faltas ou carências não satisfeitas, mas sim da imitação dos sofrimentos de que Cristo padeceu. Trata-se, com efeito, do mesmo motivo que havia impelido o filósofo dinamarquês a criticar os atos de Mynster e a sua incapacidade de construir uma Igreja sobre o modelo dos ensinamentos evangélicos. O dado interessante é que, na passagem imediatamente precedente [NB29:25] e na sucessiva [NB29:27], Kierkegaard critica tanto a Igreja dinamarquesa, como instituição dependente do Estado, quanto o protestantismo que “no fundo, freqüentemente não representa nada mais do que a revolta dos homens contra o Cristianismo”, enquanto o Cristianismo que se encontra nos Evangelhos exige “imitação, contínuo sofrimento, tribulação e gemidos” [NB29:27]. E, mais adiante, sempre na passagem sobre *O Protestantismo*, Kierkegaard parece referir-se de maneira transversal e invertida à *noluntas* schopenhaueriana, afirmando ironicamente que, ao contrário, “aquilo a que aspira a natureza do homem é a quietude: *nihil beatum nisi quietum*. Quietude e sempre quietude, para poder ocupar-se com esta finitude, para gozar a vida aqui”. Exatamente sobre estes temas é possível estabelecer uma comparação entre os dois autores. Na sua análise, Schopenhauer desmascara inexoravelmente o sofrimento (*Leiden*) da vida e a ruínosa infelicidade (*Unglück*) e miséria (*Winzigkeit*) do homem. Do mesmo modo, Kierkegaard desnuda as falsificações relacionadas à vida cristã, especialmente aquelas que estão à frente de uma forma inadequada de cristianismo, qual seja, do protestantismo corrompido e manipulado por pastores e professores. É neste sentido que Kierkegaard, para combater aquilo que ele chama de “insofismo otimismo cristão” [*nonsentialske christelige Optimisme*], aconselha os estudantes de teologia dinamarqueses “a tomar, todo dia, uma pequena dose da *Ética* de Schopenhauer” como

¹⁸“E quando o homem na sua angústia se faz mudo,/ um Deus me permite dizer a minha pena”, J. W. v. Goethe, *Torquato Tasso*, ato V, cena 5.

contraveneno para imunizar-se contra o eudemonismo protestante e contra o epicurismo dinamarquês [NB29:114]. O tema do veneno, como antídoto à degradação moral, retorna em outra breve nota [NB30:10], a propósito do *suicídio dos estóicos*, onde Kierkegaard cita diretamente uma passagem extraída de *O mundo* (vol. I §16), no qual se aconselha a fazer como os déspotas orientais, em cuja suntuosa mobília se encontra também “um precioso frasco de veneno” [*ein kostbares Fläschen mit Gift*]. Na passagem imediatamente precedente (*Uma bela imagem de Schopenhauer*), Kierkegaard esclareceu que, tomando ainda emprestada uma metáfora do filósofo alemão¹⁹, que os seus conselhos são dirigidos a todos aqueles que, divididos entre ação e contemplação, “juntamente à sua própria vida *in concreto*, conduzem uma outra *in abstracto*” [NB30:9].

É evidente que os objetivos dos dois filósofos são completamente diferentes. Kierkegaard possui um alvo bem preciso, qual seja, o *status quo* da Igreja dinamarquesa, enquanto Schopenhauer desenvolve a concepção filosófica do princípio metafísico da vontade, a qual visa unicamente à conservação de si mesma. Em todo caso, deixando de lado associações forçadas relativas ao fato de que Kierkegaard possa ter visto na Igreja dinamarquesa exatamente a expressão daquela vontade cuja única finalidade é a auto-conservação, nos limitaremos a dizer que, na fase da elaboração do ataque contra o protestantismo dinamarquês, ele extrai de Schopenhauer algumas passagens e imagens que menciona no *Diário* com o escopo de esclarecer para si mesmo a própria natureza polêmica, derivando do pensador alemão tons mais livremente críticos, se não francamente dessacrantes. Recordemos que Schopenhauer, em 1838, havia participado de um concurso anunciado justamente na Dinamarca, pela *Kgl. Danske Videnskab Selskab* (Real Sociedade de Ciências da Dinamarca), enviando a dissertação *Über das Fundament der Moral* (Sobre o fundamento da moral), depois publicada em 1841 junto ao escrito *Über die Freiheit des menschlichen Willens* (Sobre a liberdade do querer humano), no volume *Die beiden Grundprobleme der Ethik* (Os dois problemas fundamentais da ética), que, como dissemos, Kierkegaard possuía em sua biblioteca²⁰. O escrito foi decisivamente reprovado pelos acadêmicos dinamarqueses,

¹⁹ A passagem de Schopenhauer diz assim: “[...] der Mensch, neben seinem Leben *in concreto*, immer noch ein zweites *in abstracto* führt” (W I, § 16).

²⁰ Os dois escritos de Schopenhauer foram enviados respectivamente a dois concursos promovidos, um pela Real Sociedade das Ciências da Noruega (1837), e o outro pela Real Sociedade das Ciências da Dinamarca (1838). Em 1839 a Sociedade norueguesa lhe atribuiu aquele que é o seu primeiro

pelas graves ofensas dirigidas a “vários grandessíssimos filósofos dos últimos tempos”²¹. Porém, justamente pela áspera crítica, sem as meias medidas ou compromissos exprimidos nos confrontos das tendências filosóficas dominantes, Schopenhauer foi para Kierkegaard uma personalidade a partir da qual podia se inspirar e sobre a qual podia modelar, ao menos em parte, a sua própria reação contra a Igreja oficial dinamarquesa.

2. Kierkegaard crítico de Schopenhauer?

Neste ponto, é surpreendente notar que a mesma imagem tomada de empréstimo de Schopenhauer, aquele em se estigmatiza a diferença entre os que agem e os que se detêm na contemplação, utilizada por Kierkegaard para condenar a atitude dos prelados dinamarqueses que não adéquam a própria vida aos ensinamentos que ainda assim continuam professando, seja utilizada pelo filósofo dinamarquês para criticar o próprio Schopenhauer. A passagem a que me refiro, NB29:95 (*Sobre Arthur Schopenhauer*), é, em absoluto, uma das mais longas que encontramos no *Diário*, e certamente, junto a NB30:12 (*Schopenhauer e o Cristianismo*), a mais importante acerca do alemão. Nisso, Kierkegaard, falando do ascetismo e da mortificação, compara, a partir de um ponto de vista ético, a visão misantrópica da vida de Schopenhauer com a própria posição cristamente orientada. Segundo Kierkegaard, as motivações que conduzem à ascese são verdadeiramente de uma importância decisiva. Mas Schopenhauer, depois de haver recomendado a mortificação para anular o desejo de viver, já que “existir é sofrer” [cf. NB30:12 e NB30:12.a], assume a posição “contemplativa” do mero espectador de um drama no qual, entretanto, ele está envolvido: “logo, ele mesmo não é a contemplação

reconhecimento oficial, premiando o ensaio *Sobre a liberdade do querer humano*. A Sociedade dinamarquesa, por sua vez, recebe o outro ensaio, *Sobre o fundamento da moral*, com grande frieza, e não só não lhe concede prêmio algum, mas critica duramente o escrito. Kierkegaard recorda o episódio dos dois concursos em uma passagem do *Diário* (3920), na qual critica o apego de Schopenhauer, definido como “regozijante” e “contente como em uma festa”, pelo reconhecimento e pela fama: “Alguém como ele, que apresenta, e com tanto talento, uma concepção da vida tão misantrópica: este homem está regozijante de alegria, e realmente feliz em toda a seriedade porque a Sociedade das Ciências de Trondhjem (bom Deus: nada menos do que de Trondhjem!) lhe outorgou o prêmio. Não lhe passa pela mente que se talvez aquela sociedade tenha considerado como uma sorte rara que um alemão tenha lhes enviado uma dissertação: *Pro dii immortales!* E, uma vez que Copenhague, por seu turno, não premiou uma outra dissertação apresentada por S., ele berra com toda seriedade no prefácio que acompanha a sua edição. Isto para mim é inexplicável. Eu poderia entender que S., para zombar destas sociedades científicas, tivesse decidido participar do concurso e se divertisse com o prêmio recebido em Trondhjem não menos do que com a reprovação recebida em Copenhague. Ai de mim, mas não na forma como S. encara as coisas.”

²¹ F. nota introdutória em: A. Schopenhauer, *Il fondamento della morale*, a cura di E. Pocar, Bari, 2005.

alcançada pela via da ascese, mas uma contemplação que se relaciona àquela ascese contemplando-a”. Esta atitude é, segundo Kierkegaard, uma astuta forma de pessimismo, se não for uma forma de eudemonismo e, portanto, não faz sentido falar de ascetismo. Em outras palavras, Schopenhauer também não teve a ousadia de agir da forma como pregava. Ele “se refere diretamente à boa reputação, a deseja, se enamora dela”, “vai muito ansioso atrás da boa reputação” e “nem mesmo lhe vem à mente fazer uma omelete de toda esta porcaria”, de repudiar a mundanidade pela contemplação e o quietismo que levam a uma perfeita ascese. Ao contrário, Kierkegaard escreve de si mesmo como tendo “me arriscado mais uma vez, por minha própria iniciativa, a tornar-me a caricatura e a ser o objeto de zombaria de toda a gentinha alta e baixa” apenas por levar o “protesto religioso”, ou seja, a advertência a olhar para o “*Modelo*, o único, o Salvador do mundo” que se recusa a ser proclamado Rei e que repudia a mundanidade [NB29:95]. Somente o ascetismo cristão é verdadeiro ascetismo, já que, ao proclamar que “ser cristão é sofrer”, tal sofrimento deve ser o fruto de uma livre escolha em um mundo que não é, como diz Schopenhauer, teatro do sofrimento, mas pelo contrário, “tem por palco a mais intensificada cobiça de viver, mas com a qual jamais estaremos agarrados à vida” [NB30:12] e, portanto, é o lugar de gozo e de exercício da vitalidade humana. O problema, na verdade, não é tanto se o homem é congenitamente destinado a sofrer ou a rejubilar-se, ou se o mundo favorece mais uma visão otimista ou pessimista da vida, mas é o de procurar definir o dever-ser-no-mundo do homem, o que ele deve fazer e em que coisa lhe é lícito esperar²². De um ponto de vista cristão, o filósofo deve ou acolher o otimismo, ou desesperar, porque, como filósofo, não conhece a redenção por obra de Cristo (Löwith)²³. Kierkegaard escreve que não tem nada contra o fato de “que S. esbraveje com tanta força contra este infame otimismo, no qual se sobressai especialmente o Protestantismo: eu estou muito contente que ele mostre que isto não é, de fato, Cristianismo”, porque unicamente sobre um cenário no qual domina “o otimismo (judaico)” o cristianismo não perde a própria dialética interna, ou seja, o

²² Cf. Kierkegaard, NB35:14: “[...] Deve-se pois encher a cabeça do menino, de que este é um mundo gentil, de que a vida é feita para divertir-se, para gozar, etc. etc.: aquilo que certamente o menino é por natureza levado a crer (pelo que Schopenhauer tem razão quando diz que em todo homem é inato o erro de imaginar que a destinação desta vida é ser feliz)”; cf. A. Schopenhauer, W II, cap. 49 (*O caminho da salvação*).

²³ Cf. K. Löwith, *Da Hegel a Nietzsche. La frattura rivoluzionaria nel pensiero del XIX secolo*, Torino 2000², p. 87. E ainda *ibidem* em nota, mencionando uma passagem de Kierkegaard: “Que Deus tenha podido criar diante de si seres livres, é a cruz que a filosofia não pôde carregar, mas à qual permanece atrelada”.

motivo pelo qual ele se mostra cognoscível negativamente, mas se apresenta como verdadeira renúncia [NB30:12]. Schopenhauer “abandona o cristianismo”, mas não consegue explicar se aquele gênero de ascese e mortificação de que fala é, no fundo, possível a um homem por razões éticas, e não por *genialidade* (*Genialität*), “quando ele não respeita o ‘tu deves’ e não é determinado por um motivo da eternidade” [NB29:95]. Porém, é ainda mais “ridículo que surja uma doutrina que queira especificar que ser cristão é sofrer” se, de fato, o ser homem é sofrer [NB30:12]. A contradição em que, segundo Kierkegaard, cai Schopenhauer, é aquela de não conseguir precisar se, visto que existir é sofrer, o eudemonismo é buscado na direção da *existência* potencializada, o que postularia o otimismo do mundano, ou na direção do não existir, que implicaria uma existência despotencializada, e assim paradoxalmente a mais alta forma de eudemonismo seria a sua aproximação ao não existir [NB30:12.a]. Em outras palavras, Schopenhauer “não é um seriamente pessimista”, já que o seu pessimismo é somente a decisão mais prudente à qual se agarrar neste mundo [NB32:35].

Segundo Kierkegaard, Schopenhauer disse, sim, coisas muito interessantes, mas o fez de modo grosseiro, isto é, sem conseguir inseri-las na realidade, oferecendo exemplos edificantes, ou melhor, fazendo-se a si mesmo de exemplo. Ele tem um belo discurso sobre a moralidade kantiana, criticando nela a sua redução à ciência, como se essa tivesse a ver com a astrologia ou com a alquimia, ou seja, com ciências que se ocupam de algo que não existe. Ao contrário, porém, ele não parece perceber o quanto infinitamente espirituoso ele é, já que propõe esta objeção com seriedade, “e, pois, ei-lo a escrever também ele o seu tratado de moral!” [NB29:63].

Paralelamente a estas críticas, que certamente não dão espaço para equívocos sobre o fato de Kierkegaard encontrar em Schopenhauer uma certa dose de hipocrisia, é preciso fazer menção também aos aspectos de concordância entre os dois filósofos. Na passagem *Sobre Arthur Schopenhauer* [NB29:95], naquela intitulada *Schopenhauer e o Cristianismo* [NB30:12], e ainda naquela intitulada *Arthur Schopenhauer* [NB32:35], Kierkegaard escreve que Schopenhauer foi para ele um escritor muito importante: “ele me interessou muito, e o que me surpreendeu foi ter encontrado um escritor o qual, malgrado um completo desacordo, tem comigo muitos pontos de contato” [NB29:95]. É o próprio Kierkegaard que define a relação com Schopenhauer nos termos de um total desacordo, sinalizando, porém, logo depois, alguma afinidade. É fácil entender que o

acordo, “os muitos pontos de contato”, a que Kierkegaard se refere, é de um tipo mais ideal que real, isto é, concernente a alguns aspectos da personalidade. Particularmente, sob o aspecto biográfico, são pelo menos duas as afinidades relevantes. De um lado está a solidão e o isolamento em que os dois filósofos conduziram as suas vidas. O isolamento de Schopenhauer derivou, em primeira instância, de uma escolha voluntária e inevitável, enquanto Kierkegaard, em parte, sofreu sua exclusão por causa da vida social de Copenhague²⁴. Comum a ambos é, porém, a necessidade de afastar-se ou rebelar-se diante de um mundo feito de pessoas rudes e ignorantes. Em segundo lugar, mais importante, o que há de comum entre os dois filósofos é a crítica dirigida aos cargos institucionais, contra as atitudes eruditas e professorais vãs, e também contra “os jornalistas locadores de opiniões” [*Menings-Udleierne Journalisterne*]²⁵. Na mesma medida que Kierkegaard se lamenta dos pastores profissionais, também Schopenhauer

²⁴ S. Kierkegaard: “Mas, eis agora a pergunta: como vive S.? Ele vive retirado[...]”, NB29:95.

Tal “atitude” em relação à vida é depois retomado pelos dois autores sob um perfil teórico (o tema da ascese, da mortificação, da solidão). Na verdade, Kierkegaard, sobretudo no início e no fim da vida, teve a oportunidade de fazer ouvir sua própria voz na sociedade dinamarquesa, mas isto ocorreu predominantemente na forma de intervenções “à distância” (artigos de jornal e escritos pseudonímicos), enquanto muito raramente ele esteve envolvido na vida ativa de Copenhague.

Entre Kierkegaard e a sociedade dinamarquesa as relações nunca foram boas. Isto é testemunhado pelo fato de que já na idade de vinte e cinco anos ele se vê responsável por uma *querelle* à distância, dirigida contra uma das personalidades mais relevantes da cultura dinamarquesa, qual seja, Johan Ludvig Heiberg (1791-1860). Em 1838, Kierkegaard havia escrito uma resenha crítica do romance *Apenas um violinista* [*Kun en spillemand* – 1837] de H. C. Andersen, intitulada *Dos papéis de alguém que ainda vive publicados contra a sua vontade* [*Af en endnu Levendes Papirer udgivet mod ham Villie*]. A resenha se apresentava como uma ampla discussão não só do romance em questão, porém de forma mais geral sobre a habilidade de Andersen como romancista [*Andersen som Romandigster*], em cujos confrontos Kierkegaard não dispensou nenhuma palavra de estima. Heiberg recusou a publicação desta resenha no *Kjøbenhavns flyvende Post*, revista dirigida por ele, na qual, alguns anos antes, o filósofo dinamarquês havia feito a sua estréia literária com o artigo *Ainda uma defesa das altas qualidades da mulher* (*Ogsaa et Forsvar for Qvindens hoie Anlæg* – 17 de dezembro de 1834). Como razão de tal rejeição foi citada a excessiva extensão da resenha. Na verdade, ela foi descartada porque nela se delineavam exigências críticas que superavam os horizontes estéticos estabelecidos por Heiberg. As relações entre os dois se esfacelaram definitivamente após uma resenha negativa de *Enten-Eller*, incluída no artigo *Litterær Vintersæd*, e publicada por Heiberg em *Intelligensblade* em 01 de março de 1843. Kierkegaard não deixou escapar a ocasião para responder, e poucos dias depois, no *Fædrelandet* de 05 de março de 1843, aparece, sob a assinatura de Victor Eremita, um artigo sarcástico intitulado *Taksigelse til Hr. Professor Heiberg* (*Agradecimento ao Senhor Professor Heiberg*).

²⁵ S. Kierkegaard, NB32:137. A expressão “os jornalistas, locadores de opiniões”, é extraída de A. Schopenhauer, W II, cap. 7 (*Da relação entre o conhecimento intuitivo e o conhecimento abstrato*), p. 131. A passagem original por extenso diz: “Isto explica a rápida e vasta difusão dos erros, como também a fama das coisas ruins: visto que os locadores de opiniões de profissão, isto é, os jornalistas e similares, normalmente só disponibilizam mercadoria falsa, como os locadores de máscaras e fantasias que só alugam jóias falsas”. Ainda a propósito dos jornalistas, e em particular de Goldschmidt e da relação deste com Mynster, Kierkegaard escreve: “Mynster – só para permanecer no governo e ter em mãos a “ordem estabelecida” – procura tornar-se democrático e anda de braços dados com os jornalistas, os adutores do público [...]”, NB24:104; “Mynster por Goldschmidt!”, NB24:113. Cf. também C. Fabro, *Introduzione a D*, vol. I, p. 25-26.

“deve ter reconhecido justamente esta verdade, de que na filosofia há uma classe de homens os quais, sob a aparência de ensinar filosofia, vivem dela, e cujo ofício é o de conspirar com toda a mundanidade que os tem como verdadeiros filósofos, considerando que o são por ofício, isto é, o filosofar é a sua profissão” [NB29:95]. E ainda que, em última instância, Schopenhauer não consiga almejar o total afastamento da sociedade e dos reconhecimentos, “toda a sua existência [...] é uma profunda ferida provocada na filosofia professoral” [NB32:35].

Mais do que uma influência de Schopenhauer sobre Kierkegaard, percebida nos tons de um contraste ou de um acordo explícitos²⁶, se poderia em vez disso falar de diferenças que, não movidas por declarados fins críticos ou de confronto, por vezes possuem o caráter da complementaridade. A pista nos vem ainda de Kierkegaard que, no início de NB29:95, escreve: “A.S., bastante estranho, eu me chamo S.A. Nós nos relacionamos assim de modo inverso!”. Tal complementaridade é, por exemplo, perceptível em uma passagem acerca do *docere ex cathedra* [NB29:62], na qual Kierkegaard, retomando o provérbio “*docendo discimus*”, lido em *Die beiden Grundprobleme der Ethik*²⁷, escreve que concorda com Schopenhauer na afirmação de que tal provérbio não é absolutamente verdadeiro, uma vez que há docentes que com o contínuo *docere* impedem a si mesmos de aprender alguma coisa. Ou ainda, acerca dos filósofos alemães e de Hegel, definido como *fanfarrão* [Windbeutel/Vindsluger] (NB30:13), quando escreve que experimentou um divertimento indescritível lendo Schopenhauer (provavelmente a referência é a *O mundo*²⁸): “É completamente verdadeiro aquilo que ele diz e estou bem contente que seja ele a dizê-lo aos alemães, de um modo tão grosseiro, como só um alemão pode fazer” [NB30:11].

E realmente, à margem de NB32:137, Kierkegaard escreve que quase lhe desagrada ter lido Schopenhauer, porque experimenta um escrúpulo indescritível ao

²⁶ Cf. por exemplo E. Geismar, *Søren Kierkegaard. Hans Livsudvikling og Forfattervirksomhed*, vols. 1-2, København 1927-1928, vol. 2, p. 35-36: para o tema do ascetismo hostil à vida, sobretudo em conexão com o matrimônio, Geismar fala francamente de “influência externa” e “indiscutível” de Schopenhauer sobre Kierkegaard. Cf. também S. Davini, *Schopenhauer: Kierkegaard's Late Encounter with His Opposite*, in *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources* (Series), J. Stewart (ed.): Vol. 6: *Kierkegaard and his German Contemporaries* (Tome 1: Philosophy), London 2007, p. 277 (e nota 2, objeção a Geismar). Veja também T. P. Pinkard, *German Philosophy, 1760 – 1860, The Legacy of Idealism*, Cambridge 2002, cap. 13, p. 333-355 (“Kantian paradoxes and modern despair: Schopenhauer and Kierkegaard”), dedicado a Schopenhauer e Kierkegaard, onde, acerca do pessimismo, Pinkard fala de “obvio contraste com Schopenhauer” (p. 353).

²⁷ A. Schopenhauer, GM, § 6, p. 140.

²⁸ Cf. JP, Vol. 2 (*Notes and Commentary*), p. 581, nota 351.

servir-se de expressões de um outro sem se aperceber disto, “mas as suas expressões são frequentemente tão semelhantes às minhas que eu, talvez por um escrúpulo exagerado, acabo por atribuir a ele aquilo que, apesar disso, é meu” [NB32:137.a].

3. Correspondências

Observando as vidas de Kierkegaard e Schopenhauer, podem ser encontrados diversos pontos de contato. Por exemplo, ambos são um raro caso de filósofos que, mesmo desempenhando um papel de primeira ordem na história do pensamento ocidental, nunca tiveram a oportunidade de ensinar na Universidade (nem em outro lugar)²⁹, e as suas obras principais receberam alguma atenção somente muitos anos depois de terem sido escritas. Mesmo o *modus operandi* deles na qualidade de escritores foi de um tipo bastante particular, repudiando deliberadamente os ditames sistemáticos ou tratadísticos, e aproximando-se de um estilo mais discursivo e literário, por vezes aforístico. Os dois filósofos, não se pode deixar de recordar, viveram a mesma atmosfera cultural e assistiram ao período de grande efervescência que, em sua vertente filosófica, ocorreu após a morte de Hegel. Mas além destes elementos, que sem dúvida legitimam a aproximação de Kierkegaard e Schopenhauer na organização histórica típica dos manuais de filosofia, outros motivos do tipo teórico, que justifiquem significativamente conexões de pensamento, não podem ser percebidos. E ainda que entre os dois filósofos examinados sejam comparáveis posturas e conceitos comuns (sofrimento, ascetismo, misoginia, crítica a Hegel e ao pensamento sistemático), a partir da análise das passagens nas quais Kierkegaard fala de Schopenhauer, não é de modo algum definível, ou derivável, uma direta influência do filósofo alemão sobre o dinamarquês.

Sem dúvida Kierkegaard (é ele mesmo que escreve) leu Schopenhauer com grande interesse e, podemos dizer, também com um certo gosto. É possível definir a influência de Schopenhauer sobre Kierkegaard nos termos de afinidade, simpatia ou, melhor ainda, correspondência de interesse. Mas, precisamente, somente disto se trata, como também os trabalhos de literatura secundária tendem a confirmar³⁰, e seria

²⁹ Em 1820, Schopenhauer foi, durante um brevíssimo período, *Privatdozent* junto à recém criada Universidade de Berlim (hoje Humboldt-Universität).

³⁰ A seguir uma lista dos principais trabalhos de literatura secundária que tratam de maneira específica da relação Kierkegaard/Schopenhauer: S. Davini, *Schopenhauer: Kierkegaard's Late Encounter with His Opposite*, in *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources* (Series), J. Stewart (ed.): Vol. 6:

contraproducente procurar influências onde essas não são verificáveis. Em outras palavras, os dois filósofos percorreram, pelo menos em alguns momentos da elaboração do próprio pensamento, estradas paralelas que, pode-se afirmar com certeza, nunca se cruzaram ou se sobrepuseram. Exceto pelo fato de conduzir ao mesmo destino, ou seja, ao ingresso na modernidade e à urgente necessidade de fornecer ao homem um esclarecimento sobre a existência.

*
* *

Todo estudo de comparatística que não leve em conta o contexto histórico e que não se desenvolva sobre o eixo de um estudo filológico das fontes e análise da recepção acaba sendo apenas uma mera justaposição das noções obtidas. Se a atenção às fontes

Kierkegaard and his German Contemporaries (Tome 1: Philosophy), London 2007, p.277-291; W. Dietz, *Servum arbitrium: zur Konzeption des Willensunfreiheit bei Luther, Schopenhauer und Kierkegaard*, in "Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionphilosophie", vol. 42, n. 2, 2000, p. 181-194; E. Geismar, *Søren Kierkegaard. Hans Livsudvikling og Forfattervirksomhed*, vols. 1-2, København 1927-1928, vol. 2, p. 35-45; J. Hohlenberg, o capítulo "kierkegaard og Schopenhauer", in *Den ensomme vej*, København 1948, p. 303-309; S. Holm, *Schopenhauer und Kierkegaard*, in "Schopenhauer-Jahrbuch", vol. 43, 1962, p. 5-14; C. Lansink, *Zelfontkenning em zelfaanvaarding: de betekenis van onthechting in het denken van Schopenhauer em Kierkegaard*, in "Tidskrift voor filosofie", vol. 63, n. 1, 2001, p. 87-106; F. Maceiras, *Schopenhauer y Kierkegaard. Sentimiento y pasión*, Madrid 1985; C. Nærup, *Søren Kierkegaard og Arthur Schopenhauer*, in "Vor Verden", vol. 2, n. 8, 1924-1925, p. 357-359; T. P. Pinkard, o capítulo "Kantian paradoxes and modern despair: Schopenhauer and Kierkegaard" in *German Philosophy, 1760 – 1860, The Legacy of Idealism*, Cambridge 2002, p. 333-355; Ph. Schwab, *Der Asket im System. Zu Kierkegaards Kritik der Kontemplation als Fundament der Ethik Schopenhauers*, in *Die Ethik Arthur Schopenhauer im Ausgang vom Deutschen Idealismus (Fichte/Schelling)*, L. Hühn (hrsg.), Würzburg 2006, p. 321-345; J. Sløk, *Livets elendighed. Kierkegaard og Schopenhauer*, Viby (J) 1997; G. Tortura, *Kierkegaard and Schopenhauer on Hegelianism: "Primum vivere, deinde philosophari"*, in "Metalogicon: Rivista Internazionale di Logica pura e Applicata, di Linguistica e di Filosofia", vol. 7, n. 1, 1994, p.69-84; J. Urdanibia (ed.), *Los Antihegelianos: Kierkegaard y Schopenhauer*, Barcelona 1990; N. Viallaneix, A.S./S.A.: *Schopenhauer et Kierkegaard*, in "Romantisme", vol. 32, 1981, p. 47-64; Fr. A. Voigt, o capítulo "Kierkegaard um Schopenhauer", in *Søren Kierkegaard im Kampfe MIT der Romantik, der Theologie und der Kirche*, Berlin 1929; A. Wolff, *Søren Kierkegaard og Arthur Schopenhauer*, in "Nære og Fjern", vol. 7, n. 322, 1877-1878, p. 1-9; O. Zulstra, *Muziek, tijd em taal. Kierkegaard em Schopenhauer*, "Communiqué", vol. 11, 1994, p. 59-75. Por fim, quero fazer pelo menos uma referência ao *Symposion Schopenhauer-Kierkegaard* ocorrido junto ao Søren Kierkegaard Forskningscenteret de København entre 24 e 26 de abril de 2009. O simpósio foi organizado pelo Centro de estudos dinamarqueses e pela "Schopenhauer-Gesellschaft" (Frankfurt) em colaboração com a Universidade de Århus e a Albert-Ludwigs-Universität de Freiburg. O objetivo do encontro foi o de estimular a discussão sobre a herança que Schopenhauer e Kierkegaard transmitiram ao pensamento moderno, focando a atenção sobre os temas do livre arbítrio e pecado, arte e autoconsciência, verdade e ética, sofrimento e resignação, e procedendo a uma análise crítica das passagens em que Kierkegaard se refere a Schopenhauer. Em específico, as contribuições trataram: do impacto da filosofia de Schopenhauer sobre Kierkegaard e das ambíguas relações de ambos os filósofos com o idealismo alemão; de uma análise comparativa ampla que traga a lume paralelismos e diferenças entre os dois autores, sobretudo no que se refere à discussão sobre a relação entre pecado original e livre arbítrio, com referência ao *Conceito de Angústia* e à *Doença para a morte* (Kierkegaard), e ao livro quarto de *O mundo como vontade e representação* (Schopenhauer); do pano de fundo histórico e das motivações metodológicas que levaram Kierkegaard a ler Schopenhauer. As atas do congresso estarão disponíveis em breve: *Schopenhauer – Kierkegaard*, N. J. Cappelørn, L. Hühn, S. R. Fauth, Ph. Schwab (Hrsg.), Berlin 2010.

pode ser considerada em geral uma boa metodologia de abordagem a qualquer estudo, ela adquire um valor determinante quando estão em jogo as relações pouco claras, como no caso de Kierkegaard leitor de Schopenhauer. Por tal motivo, é preciso complementar o presente artigo com dois apêndices, um cotejando as passagens kierkegaardianas nas quais aparece uma referência, explícita ou implícita, a Schopenhauer, o outro sobre as traduções faltantes na língua italiana.³¹

	<i>Pap/SKS</i>	<i>JP</i>
1854	XI, 1 A 75 NB29:26	3872
1854	XI, 1 A 78 NB29:29	3873
1854	XI, 1 A 111 NB29:62	3874
1854	XI, 1 A 112 NB29:63	3875
1854	XI, 1 A 140 NB29:91	3876
1854	XI, 1 A 141 NB29:92	4998
1854	XI, 1 A 144 NB29:95	3877
1854	XI, 1 A 165 NB29:114	3878
1854	XI, 1 A 173 NB30:4 [sub.] ³²	111
1854	XI, 1 A 178 NB30:9	3879
1854	XI, 1 A 179 NB30:10	3880
1854	XI, 1 A 180 NB30:11	1620
1854	XI, 1 A 181 NB30:12	3881
<i>n. d.</i>	XI, 1 A 182 NB30:12.a	3882 [marg.]
1854	XI, 1 A 183 NB30:13	1621
1854	XI, 1 A 193 NB30:22	2550
1854	XI, 1 A 214 NB30:41.a	6883 [marg.]
1854	XI, 1 A 537 NB32:35	3883
1854	XI, 2 A 7 NB32:92	3362
1854	XI, 2 A 20 NB32:103	3884

³¹ Nota do Tradutor: Conforme informado na nota 2, acima, a presente tradução trará apenas a tabela constante no apêndice I do texto original italiano, sem as referências à edição de C. Fabro dos Diários de Kierkegaard.

³² Citação subentendida de W I, livro segundo [“O mundo como vontade, Primeira consideração: A objetivação do querer”], §27. Cf. também *Kommentarer (=K)* em *SKS*: K25, 386².

1854	XI, 2 A 58	NB32:137	3885
n. d.	XI, 2 A 59	NB32:137.a	3886 [marg.]
1854	XI, 2 A 202	NB35:14	3970
1854	XI, 2 A 204	NB35:16 [sub.] ³³	4917

Referências bibliográficas

ARILDSEN, Skat. *Universitetsansættelse og Avancement*, in *Biskop Hans Lassen Martensen. Hans Liv, Udvikling og Arbejde*, København: G.E.C. Gads Forlag, 1932.

CAPPELØRN Niels Jørgen. HÜHN Lore, FAUTH Søren R., SCHWAB Philipp (org.), *Schopenhauer – Kierkegaard*, Berlin: De Gruyter, 2010.

DAVINI, Simonella. *Schopenhauer: Kierkegaard's Late Encounter with His Opposite*, in STEWART, J. (org.), *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources (Series): Vol. 6: Kierkegaard and his German Contemporaries (Tome 1: Philosophy)*, London: Ashgate, 2007.

DIETZ, Walter. *Servum arbitrium: zur Konzeption des Willensunfreiheit bei Luther, Schopenhauer und Kierkegaard*, in *Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionphilosophie*, v. 42, n. 2, 2000, p. 181-194.

GARFF, Joakim. *SAK. Søren Aabye Kierkegaard, En biografi*, København: G.E.C. Gads Forlag, 2000.

GEISMAR, Eduard. *Søren Kierkegaard. Hans Livsudvikling og Forfattervirksomhed*, v. 1-2, G.E.C. København: Gads Forlag, 1927-1928.

HOHLENBERG, Johannes. *Kierkegaard og Schopenhauer*, in *Den ensomme vej*, København: H. Hagerup, 1948, p. 303-309.

HOLM, Søren. *Schopenhauer und Kierkegaard*, in *Schopenhauer-Jahrbuch*, v. 43, 1962, p. 5-14.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Papirer (=Pap)*, I-XVI, em 25 tomos, 2 ed., N. Thulstrup (org.), København: Gyldendal, 1968-1978; 1 ed., tomos I-XI, P.A.

³³ Citação subentendida de W I, livro terceiro [“O mundo como representação, Segunda consideração: A representação independente do princípio de razão. A ideia platônica. O objeto da arte”], §36. Cf. também K26, 376²⁷ e 379¹³. Nesta passagem Kierkegaard escreve: “[...] e como, inabalável, o ‘matemático’ diz da tragédia do poeta: ‘Que demonstra tudo isto?’”, NB35:16. A referência é a uma anedota relatada por Schopenhauer (*ibid.*): “daquele matemático francês que, depois de haver lido a *Efigênia* de Racine, perguntou levantando os ombros: *Qu’est-ce-que cela prouve?*”.

Heiberg, V. Kuhr, E. Torsting (org.), København: Gyldendalske Boghandel, Nordisk Forlag, 1909-1948; v. XIV-XVI (Index), N.-J. Cappelørn (org.), København: Gyldendal, 1975.

_____. *Kierkegaards Skrifter* (=SKS), Niels Jørgen Cappelørn et al. (org.), København: G.E.C. Gads Forlag, 1997.

_____. *Søren Kierkegaard's Journals and Papers* (=JP), H.V. Hong. E.H. Hong (org.), Index by N.J. Hong and C.M. Barker, Bloomington & London: Indiana University Press, 1967-1978.

_____. *Kierkegaard's Journals and Notebooks* (=KJN), B.H. Kirmmse et al. (org.), Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2007.

_____. *Diario* (=D), C. Fabro (org.), Brescia: Morcelliana, 1980-1983.

LANSINK, Cyril. *Zelfontkenning en zelfaanvaarding: de betekenis van onthechting in het denken van Schopenhauer en Kierkegaard*, in *Tidskrift voor filosofie*, v. 63, n. 1, 2001, p. 87-106.

LÖWITH, Karl. *Da Hegel a Nietzsche. La frattura rivoluzionaria nel pensiero del XIX secolo*, tradução de G. Colli, Torino: Einaudi, 2002.

MACEIRAS, Fafián. *Schopenhauer y Kierkegaard. Sentimiento y pasión*, Madrid: Cincel, 1985.

MALANTSCHUK, Gregor. *Kierkegaard's Way to the Truth. An Introduction to the Authorship of Søren Kierkegaard*, Montreal: Inter Editions, 1987.

MØLLER Poul Martin. *Tanker over Muligheden af Beviser for Menneskets Udødelighed*, in *Efterladte Skrifter af Poul M. Møller*, v. 1-3, C. Winther, F.C. Olsen, C. Thaarup (org.), København: Bianco Lunos Bogtrykkeri, 1839-1843.

NÆRUP, Carl. *Søren Kierkegaard og Arthur Schopenhauer*, in *Vor Verden*, v. 2, n. 8, 1924-1925, p. 357-359.

PINKARD, Terry P. *Kantian paradoxes and modern despair: Schopenhauer and Kierkegaard*, in *German Philosophy, 1760 - 1860, The Legacy of Idealism*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 333-355.

ROHDE H.P. (org.). *Auktionsprotokol over Søren Kierkegaards Bogsamling* (=ASKB), København: The Royal Library, 1967.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Über den Willen in der Natur*, Frankfurt am Main, 1836.

_____. *Die beiden Grundprobleme der Ethik*, Frankfurt am Main, 1841.

- _____. *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Leipzig: 2 Bände, 1844.
- _____. *Parerga und Paralipomena*, kleine philosophische Schriften, Berlin: 2 Bände, 1851.
- _____. *Il fondamento della morale*, E. Pocar (org.), Bari: Laterza, 2005.
- SCHWAB, Philipp. *Der Asket im System. Zu Kierkegaards Kritik der Kontemplation als Fundament der Ethik Schopenhauers*, in *Die Ethik Arthur Schopenhauers im Ausgang vom Deutschen Idealismus (Fichte/Schelling)*, L. Hühn (org.), Würzburg: Ergon-Verlag, 2006, p. 321-345.
- SLØK, Johannes. *Livets elendighed. Kierkegaard og Schopenhauer*, Viby J: Centrum, 1997.
- STEWART, Jon. *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- TORTURA, Giuseppe. *Kierkegaard and Schopenhauer on Hegelianism: "Primum vivere, deinde philosophari"*, in *Metalogicon: Rivista Internazionale di Logica pura e Applicata, di Linguistica e di Filosofia*, v. 7, n. 1, 1994, p. 69-84.
- URDANIBIA, Javier (org.). *Los Antihegelianos: Kierkegaard y Schopenhauer*, Barcelona: Antropos Editorial del Hombre, 1990.
- VIALLANEIX, Nelly. A.S./S.A.: *Schopenhauer et Kierkegaard*, in *Romantisme*, v. 32, 1981, p. 47-64.
- VOIGT, Friedrich Adolf. *Kierkegaard un Schopenhauer*, in *Sören Kierkegaard im Kampfe mit der Romantik, der Theologie und der Kirche*, Berlin: Furche-Verlag, 1929.
- WOLFF, August. *Søren Kierkegaard og Arthur Schopenhauer*, in *Nære og Fjern*, v. 7, n. 322, 1877-1878, p. 1-9.
- ZIJLSTRA, Onno. *Muziek, tijd en taal. Kierkegaard en Schopenhauer*, in *Communiqué*, v. 11, 1994, p. 59-75.